

---

## O discurso sobre a Petrobras na imprensa: a imagem da estatal durante a Lava Jato.<sup>1</sup>

Ana Victória Muniz Ribeiro<sup>2</sup>  
Lidiane S. de Lima Pinheiro<sup>3</sup>  
Universidade do Estado Da Bahia, Bahia, BA

### Resumo

Este artigo busca, a partir dos estudos do discurso de Dominique Maingueneau (2004, 2015), explorar os enunciados midiáticos sobre a Petrobras durante a Operação Lava Jato em seus primeiros anos (2014-2016), ainda sob o governo Dilma Rousseff. Particularmente, a pesquisa tem por base notícias digitais dos jornais Folha de S. Paulo e Estadão e visa destacar o que é padrão nos discursos desses a respeito da Petrobras e contrapor os respectivos discursos quando necessário. Para tanto, é imprescindível neste artigo esmiuçar os não-ditos e silêncios dos jornais, sob a perspectiva de Eni P. Orlandi (1999), e revisar o conceito de imagem-conceito (Baldissera, 2004), a fim de compreender como se dá a tensão relacional entre a Petrobras, a imprensa e a sociedade.

**Palavras-Chave:** Discurso; Silêncio; Imprensa; Petrobras; Lava Jato.

### Introdução

A Petrobras é uma empresa estatal brasileira, até então de economia mista, de grande porte e com atuação no mercado petrolífero. Ademais, era conhecida por financiar projetos nas áreas de esporte, cultura e tecnológicos. Entretanto, devido à divulgação de uma operação da Polícia Federal, intitulada Operação Lava Jato, a reputação da estatal foi estremecida perante a sociedade, em virtude do envolvimento de dirigentes da mesma com esquemas de corrupção, superfaturamento e lavagem de dinheiro.

Em razão da grandeza da crise de imagem instaurada na Petrobras após a divulgação das investigações da Lava Jato, que envolve tanto questões relacionadas à comunicação organizacional quanto às consequências das ações da imprensa, fica justificada a necessidade de estudar o caso, a partir de suas disputas de sentido.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XIV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 4º. Semestre do Curso de Relações Públicas da UNEB-BA, e-mail: [anamunizjg3@gmail.com](mailto:anamunizjg3@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora doutora do Curso de Relações Públicas da UNEB-Ba, e-mail: [lidicom@yahoo.com](mailto:lidicom@yahoo.com)

---

Apresento neste artigo o desfecho de uma pesquisa de iniciação científica, que busca realizar uma análise do discurso da imprensa sobre a Petrobras e a Lava Jato e entender como foi construída a imagem da estatal durante as investigações ainda sob o governo petista de Dilma Rousseff.

O corpora desta pesquisa é formado pelos jornais Folha de S. Paulo e Estadão, particularmente, por notícias publicadas entre os anos de 2014-2016 na editoria de política. A escolha foi feita devido à relevância de tais jornais a nível nacional, ao volume de assinaturas digitais e à circulação<sup>4</sup> dos mesmos, além de serem vistos como grandes conglomerados de comunicação com interesses distintos. Para chegar a conclusões sobre a imagem da Petrobras construída na imprensa durante os anos iniciais da Lava Jato, utilizo, essencialmente, os estudos do discurso, a fim de verificar o que é comum entre os discursos dos jornais, comparando-os em possíveis contrapontos. Para isso, trabalharei com conceitos obtidos da análise do discurso, de Dominique Maingueneau (2014, 2015), como discurso direto e discurso indireto, fórmulas e as contribuições de Eni P. Orlandi (1999) sobre silêncio e não-ditos. Discutirei também sobre o entendimento de imagem-conceito, de Rudimar Baldissera (2004), buscando compreender como, supostamente, se alteram as percepções da sociedade sobre a Petrobras mediante a veiculação da Lava Jato na imprensa.

### **Referencial teórico e metodologia**

Para compreender o que vem a ser a análise do discurso, é necessário ter em mente o conceito de discurso, que, segundo Dominique Maingueneau, ultrapassa o texto e se funda também no contexto. Em outras palavras, discurso é a enunciação produzida a partir do contexto sociocultural, histórico e econômico em que o enunciador está inserido. Com isso, Maingueneau destaca Jean Dubois, para explicar que a análise do discurso surge como uma disciplina que estuda os textos e suas condições de produção/contexto, a fim de compreender em qual situação sócio-histórica eles são produzidos. (MAINGUENEAU, 2015, p.18).

---

<sup>4</sup> Segundo o Instituto Verificador de Comunicação (IVC), a Folha de S. Paulo teve a maior circulação média digital em 2018, com cerca de 194.855, ficando à frente do O Globo (173.527), deixando o Estadão em 3º lugar, com 134.103 de circulação média. Acesso em: 04/06/2019. Disponível em: <<https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2019/01/30/circulacao-digital-dos-grandes-jornais-cresce-no-brasil.html>>.

---

Michel Pêcheux, filósofo marxista, deu grandes contribuições à análise do discurso (AD) francesa. A linha de pensamento dele se ancora no marxismo do filósofo L. Althusser, na psicanálise de Lacan e na linguística estrutural. A linha de AD de Pêcheux se destina a esmiuçar os textos a fim de localizar a ideologia à qual eles pertencem.

Já para Foucault, com uma linha de estudo dos discursos mais indireta que as de Dubois e Pêcheux, o discurso ultrapassa a linguística; o seu interesse maior eram as regras e as práticas que regiam o discurso e o seu contexto na época em que enunciado. É na mesclagem dessas três teses que as análises dos discursos francesas vão se apoiar.

Quando se fala em noções do discurso dentro da linguística, algumas ideias-força são inseridas no contexto: vê-se o discurso para além da frase, como forma de ação para modificar uma realidade, é interativo, contextualizado (indica algo/alguém), assumido por um sujeito, regido por normas, assumido no bojo de um interdiscurso (um enunciado pode se apoiar a outros, sendo necessário o entendimento do enunciado anterior para compreender o todo), além de construir socialmente o sentido (não um sentido estável, mas sim a constante de construção e desconstrução de realidades inerentes ao ser humano). (MAINGUENEAU, 2015).

Também a partir de estudos do discurso, Baldissera (2008) compreende a comunicação como “processo de construção e de disputa de sentidos”, sendo vista em constante processo de mudança. Com isso, a imagem-conceito, que, de acordo com o autor, muito tem a ver com a percepção que se constrói sobre algo/alguém, e não sobre sua identidade em si, passa a ser um importante conceito para investigar os discursos sobre uma organização como a Petrobras.

Assim, a noção de imagem-conceito é explicada como um construto simbólico, complexo e sintetizante, de caráter judicativo/caracterizante e provisório, realizada pela alteridade (recepção) mediante permanentes tensões dialógicas, dialéticas e recursivas, intra e entre uma diversidade de elementos-força, tais como as informações e as percepções sobre a identidade (algo/alguém), a capacidade de compreensão, a cultura, o imaginário, a psique, a história e o contexto estruturado. (BALDISSERA, 2008).

Parte da construção da imagem-conceito se dá através do processo de significação, de qualidade individual do ser humano. Entretanto, a leitura feita pelo indivíduo é marcada pelo

---

seu lugar sociocultural, criando uma relação de interdependência dialógico-recursivas entre o leitor, sua bagagem intelectual e a leitura que ele faz sobre algo/alguém.

Sob a perspectiva dos estudos do discurso, explanados por Maingueneau, e de acordo com as ideias apresentadas, resultantes de pesquisas bibliográficas e exploratórias, utilizarei de abordagens qualitativas e quantitativas. Examinarei os jornais Folha de S. Paulo e Estadão, entre 2014 e 2016, focando períodos de grandes acontecimentos relacionados à estatal, nos quais buscarei analisar os discursos sobre o envolvimento do alto escalão da Petrobras com esquemas de corrupção denunciadas pela Polícia Federal através da Operação Lava Jato. Entretanto, devido ao imenso volume de publicações que ligam a Petrobras à Lava Jato, constatei a necessidade de delimitar ainda mais o corpora da pesquisa, já que, dentro desses quase 3 anos iniciais da operação da Polícia Federal, existiram muitas fases. A noção de corpus aqui é empregada como

conjunto mais ou menos vastos de textos ou de trechos de texto (...), os analistas do discurso não estudam obras; eles constituem corpora, eles reúnem os materiais que julgam necessários para responder a esse ou aquele questionamento explícito, em função das restrições impostas pelos métodos aos quais recorrem. Desse modo, analistas do discurso se afastam do modelo da leitura empática, do “contato vivo” com um texto concreto, que seria rico de um sentido inesgotável. (MAINGUENEAU, 2015, p.39-40).

Buscando simplificar e facilitar a análise das notícias, na seleção do corpora, desprezarei artigos de opinião, assim como editoriais de cultura e tecnologia. No jornal Folha de S. Paulo, o foco é a editoria “Poder”, que, segundo o próprio jornal, é dirigida prioritariamente à cobertura política; já no jornal Estadão, a editoria manuseada foi a “Política”. Ademais, o foco da análise será dado aos momentos de grandes acontecimentos da estatal, como prisões de dirigentes e ex-dirigentes da mesma, considerando a última atualização de cada matéria.

Para operacionalizar a análise, utilizarei os conceitos de discurso direto, discurso indireto (MAINGUENEAU, 2004), fórmulas, corpus e cenários (MAINGUENEAU, 2015); além dos conceitos de não-dito e silêncio (ORLANDI, 1999), visando encontrar pistas nos enunciados dos jornais do lugar de fala em que os enunciadores se colocam; se os discursos se aproximam mais de quem defende ou de quem acusa a estatal; se eles (os jornais) dão o mesmo espaço para o acusador e o acusado. Tudo para compreender qual o discurso

---

construído na imprensa brasileira sobre a Petrobras durante a Operação Lava Jato em seu período inicial.

Além disso, proponho fazer uso do conceito de imagem-conceito, de BALDISSERA (2008), para refletir, supostamente, como se deu o processo de significação da imagem da estatal perante aos seus públicos com base no discurso da imprensa.

### **Análise**

Embora a proposta deste artigo seja trazer respostas acerca de como a imprensa atuou na construção da imagem-conceito da Petrobras frente a sociedade durante a Operação Lava Jato, seria em vão discutir a Lava Jato e não mencionar o cenário que o Brasil se encontrava entre 2014 e 2016. Aqui, entende-se por “cenário” temas que se estendem sobre certa duração (MAINGUENEAU, 2015, p. 90). Meio a instabilidade econômica, em uma eleição bastante apertada, a então presidenta da Brasil, Dilma Rousseff se reelege com 51,64% dos votos válidos. No entanto, o país já estava dividido entre os que aprovavam a reeleição e os que já não apostavam na presidenta. Anteriormente, mais precisamente em 2013, o povo brasileiro já teria se manifestado contra o aumento das tarifas dos transportes públicos, a violência policial e, principalmente, contra a corrupção política no geral. Neste ponto, é importante destacar que a corrupção sempre foi uma problemática no Brasil; contra a corrupção, muitos já se elegeram e outros muitos já caíram. Com isso, a palavra “corrupção” foi se cristalizando no discurso da imprensa, transformando-se em uma fórmula. Essa noção de “fórmula”, empregada por analistas do discurso, é definida por expressões que, “pelo fato de serem empregadas em um momento e em um espaço público dados, cristalizam questões políticas e sociais que essas expressões contribuem, ao mesmo tempo, para construir” (A. KRIEG-PLANQUE apud MAINGUENEAU, 2015, p.96). Aqui, a fórmula “corrupção” não se limita a um só significante, sendo, mais tarde, associada a palavra “Lava Jato”.

Frente à indignação coletiva dos brasileiros contra a corrupção política, o 2º governo de Dilma Rousseff começou marcado por um escândalo que culminou, mais tarde, no impeachment da então presidenta. Em março de 2014, a Polícia Federal divulgou em grande mídia a descoberta de esquemas de corrupção e lavagem de dinheiro na Petrobras. A

---

operação, que ficou conhecida como Lava Jato, deve-se ao uso de redes de lavanderia e postos de combustíveis para movimentar valores de origem ilícita.

Nos momentos iniciais da crise, tanto o Estadão quanto a Folha de S. Paulo enfatizaram pontos de inconsistência entre os discursos de Graça Foster (presidente da Petrobras entre 2012-2015) e Dilma Rousseff, como matéria publicada em 20/03/2014 na Folha, sob título “Presidente e estatal divergiram sobre nota para explicar compra de refinaria”. Segundo a publicação, Foster havia proposto a divulgação de uma nota curta afirmando que a aquisição da refinaria de Pasadena se dera com base em informações que indicavam um bom negócio; enquanto Rousseff afirmava que o colegiado votou a favor da compra de 50% das ações da refinaria de Pasadena com base em um relatório “técnica e juridicamente falho”, pois o parecer disponível em 2006 “omitia qualquer referência” a cláusulas contratuais que, “se conhecidas, seguramente não seriam aprovadas pelo Conselho” de administração. Aqui, o discurso da Folha transparece quando adjetiva Dilma, ao afirmar que a discordância entre a mesma e a administração da Petrobras a deixou “irritada”, produzindo um efeito de sentido de instabilidade e descontrole, já sugerido desde o título, ao indicar divergência entre a ex-presidenta e a diretora da estatal por ela indicada, pessoa de sua total confiança. Para a análise do discurso, importa o modo como o sentido é produzido como efeito. “Na perspectiva da AD a ideologia não é ‘X’ mas o mecanismo de produzir ‘X’” (ORLANDI, 1996, p. 30).

Sob filtros de pesquisa nas editorias “Poder” e “Política” da Folha e Estadão respectivamente, realizei uma busca pelos assuntos “Lava Jato” + “Petrobras”, delimitando os períodos de 17/03/2014 à 31/08/2016. Foram analisadas 10 publicações sobre grandes acontecimentos da Lava Jato: a prisão de Paulo Roberto Costa (20/03/2014); o recolhimento de documentos na sede da Petrobras, no Rio de Janeiro (11/04/2014); denúncia de uma ex-funcionária informando que a diretoria sabia das irregularidades (12/12/2014); a aprovação de uma CPI no senado para investigar a estatal (18/12/2014); prisão de Nestor Certero (14/01/2015); a renúncia de diretores (04/02/2015); a prisão de Renato Duque (16/03/2015); prisão de João Vaccari Neto (15/04/2015); dirigentes da construtora Camargo Corrêa admitem o pagamento de propina (18/04/2015) e investigação indicando superfaturamento de contratos da Petrobras com fornecedora de tubos (24/05/2016). Nelas, analisarei os modos de

---

dizer dos jornais, buscando pistas da enunciação que façam parte de um “procedimento integrador que consiste em pensar em termos de articulação no interior de uma totalidade” (MAINGUENEAU, 2015, p. 101). Em outras palavras, verificarei se há um alinhamento nos discursos da Folha de S. Paulo e Estadão em relação à Petrobras, destacando também os pontos de divergência entre a Folha e o Estadão, visando compará-los quando surgirem.

Buscando transmitir credibilidade aos leitores, em geral, o jornalismo expressa o discurso de suas fontes enunciativas através do “discurso direto”, reproduzindo com aspas o discurso da fonte utilizadas. Tanto a Folha quanto o Estadão recorrem essencialmente ao discurso direto para trazer as palavras do enunciador citado e, assim, criar autenticidade, distanciar-se do dito e mostrar-se objetivo (MAINGUENEAU, 2004, p. 142).

Das 10 matérias examinadas, em apenas 3 delas a Petrobras tem espaço para se defender das acusações sobre as ilicitudes que ocorriam dentro da estatal. Além disso, nessas publicações, quando a Petrobras se posicionava, suas notas não eram publicadas na íntegra, recortando apenas o que seria mais interessante aos jornais, deixando a resposta da estatal em 2º plano (no final da página, após a matéria). Os jornais optam por recorrer a fontes como a Polícia Federal, Ministério Público Federal e até mesmo o juiz Sérgio Moro, já dando indícios de que a acusação tem mais espaço que a defesa para responder sobre as acusações formais feitas por estas instituições.

Em busca dos diferentes modos de dizer e enunciados implícitos nos discursos dos jornais Folha de S. Paulo e Estadão, foram observadas divergências na reportagem sobre a prisão de Paulo Roberto Costa, divulgada em 20/03/2014. Sob a ótica da Folha, há elementos que indicam um efeito de sentido de neutralidade do jornal em relação ao tema, ao deixar, por exemplo, as fontes falarem por si. Construções textuais aparentemente objetivas, como “Costa foi detido por investigadores da Operação Lava Jato da PF, que apura esquema de doleiros que movimentou, de forma suspeita, R\$ 10 bilhões. Ele é suspeito de ter ganho um carro de um dos doleiros”, indicam que o jornal não foi conclusivo, assim como o foram as investigações da Lava Jato sobre o suspeito. Além disso, a Folha, nesta publicação, dá espaço para que o advogado de Costa e a própria Petrobras se pronunciem contra as acusações sobre o ex-diretor da área de Refino e Abastecimento, reforçando uma posição de imparcialidade, por dar voz aos dois lados. Já na reportagem do Estadão, somente se acusa o ex-diretor,



---

inclusive quando busca relações de proximidade entre Costa e o doleiro Alberto Youssef, um dos principais nomes da Lava Jato nas fases iniciais das investigações. No subtítulo da matéria, o Estadão diz que Costa foi “preso em investigações sobre lavagem de dinheiro” e, embora a publicação não seja conclusiva, apaga a palavra “suspeito” no subtítulo ou corpo do texto e oculta tratar-se de uma investigação. Ademais, o jornal se mostra mais próximo de quem acusa, quando suas fontes prioritárias são a Polícia Federal (P.F.) e o Ministério Público Federal (M.P.F.) ou quando ignora a defesa do ex-diretor. Querendo ou não, os posicionamentos implícitos abrem uma lacuna para o que não foi dito, o que fica subentendido nos discursos dos jornais. Para Orlandi, é necessário separar o pressuposto (da instância da linguagem) do subentendido (pelo contexto):

Se digo ‘deixei de fumar’ o pressuposto que eu fumava antes, ou seja, não posso dizer que ‘deixei de fumar’ se não fumava antes. O posto (o dito) traz consigo necessariamente esse pressuposto (não dito mas presente). Mas o motivo, por exemplo, fica como subentendido. Pode se pensar que é porque me fazia mal, pode se pensar que é porque me fazia mal, pode ser também que não seja essa razão. O subentendido depende do contexto. (ORLANDI, 1999, p. 82).

Embora neste período (março/2014) a Petrobras já fosse consultada, ao menos pela Folha de S. Paulo, a estatal não se pronuncia sobre o ocorrido, buscando silenciar a crise nos momentos iniciais, possivelmente acreditando que não se estenderia o suficiente para abalar o sua imagem. O silêncio é entendido aqui como “Lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido.” (ORLANDI, 1999, p. 85). Cabe dizer que o silêncio da Petrobras em relação a Lava Jato, na fase inicial da operação, foi estudado por mim, junto a outras colegas de pesquisa, no âmbito organizacional. Trabalhei, particularmente, com o blog Fatos e Dados, destinado à resposta a imprensa e público geral, resultando no artigo “Fatos e Dados: O discurso da Petrobras na internet após a Lava Jato<sup>5</sup>”. Neste artigo, concluímos que a Petrobras parecia não esperar que a crise fosse se estender tanto na mídia e resolve silenciar ao máximo nos meses iniciais as investigações tanto para tentar abafar a crise, quanto para entender como se posicionar mediante a denúncias de corrupção dentro da estatal, manifestando-se apenas quando absolutamente necessário.

---

<sup>5</sup> 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Joinville - SC. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/index.htm>.



---

Outra publicação que reflete a diferença dos posicionamentos e modos de dizer dos jornais é sobre a apreensão de documentos na sede da Petrobras, no Rio de Janeiro. Em matéria publicada em 11/04/2014, o título da Folha foi “Em ação para apreender documentos, PF foi recebida por Graça Foster”, enquanto o título do mesmo acontecimento na matéria do Estadão foi “PF faz buscas na sede da Petrobras, no Rio”. Na Folha, fica subentendido a cooperação da Petrobras para com as investigações da Lava Jato, o que é comprovado no corpo da matéria, pela própria Polícia Federal, quando diz que a Petrobras “colaborou com os policiais federais apresentando os documentos, que foram apreendidos e contribuirão para a continuidade das investigações” e até mesmo pela própria Petrobras, que expôs uma nota informando que “recebeu hoje e cumpriu imediatamente Ordem Judicial para entregar documentação referente a uma específica contratação”. Oposto a Folha, o Estadão nada fala sobre uma colaboração da estatal, nem mesmo reproduz a nota da P.F., apenas informa que “de acordo com o segurança da sede da Petrobras, os policiais entraram a pé, pelo estacionamento, e foram recebidos por funcionários do setor jurídico da estatal”, neste caso, o modo de dizer do Estadão deixa subentendido que a companhia estaria, supostamente, intimidada com a presença da Polícia Federal em sua sede. Ademais, o silêncio do jornal sobre a nota da P.F. referente a colaboração da estatal reforça o que destaque anteriormente.

Dando prosseguimento a observação, ao jornal Valor Econômico, em 12/12/2014, Venina Velosa da Fonseca afirmou que havia informado a Petrobras sobre desvios que ocorriam dentro da organização. A reportagem do Valor Econômico foi publicada (com devidos créditos) por outros veículos de comunicação, dentre eles a Folha de S. Paulo e o Estadão. Há outra discrepância entre os títulos dos jornais, ao passo que a Folha indicou que toda diretoria da Petrobras foi informada sobre os desvios, o Estadão atribuía a revelação da ex-funcionária sobre os desvios somente à Graça Foster, então presidente da companhia, pesando sobre ela toda a responsabilidade por, supostamente, saber e calar tais fatos. Durante o ano de 2014, Foster foi bombardeada pela imprensa com diversos questionamentos sobre a atuação da estatal durante a midiática<sup>6</sup> intensa da Lava Jato.

---

<sup>6</sup> Segundo Fausto Neto (2008), a midiática ocorreu com a mudança da cultura massiva para a cultura midiática, trazendo novos processos interacionais. Novos protocolos técnicos foram disseminados, transformando tecnologias em meios de comunicação, circulação e reprodução de discursos.

---

Embora a Folha e o Estadão tenham modos de dizer e públicos diferentes, o lugar de fala de ambos se aproxima mais das fontes da acusação (M.P.F. e P.F.), já que não há um nivelamento entre a apresentação dos argumentos da defesa e da acusação. Durante a pesquisa, algo que chama a atenção é a ênfase que se dá a abertura de uma CPI no congresso para apurar a compra da Refinaria de Pasadena. Neste ponto, a imprensa abre espaço para que personalidades que fazem oposição ao governo comentem sobre o assunto e esses comentários negativos viram notícia (figuras 3 e 4). As condições de produção dos discursos funcionam de acordo com certos fatores. Um deles é o que chamando de relação de sentido. Segundo essa noção, não há discurso que não se relacione com outro, ou seja, todo discurso é visto sob a ótica de um processo de semiose infinita, no qual o intradiscurso se atualizam a partir do contexto externo e do interdiscurso. O segundo fator é o mecanismo de antecipação, no qual o locutor se antecipa em relação ao interlocutor, buscando produzir o efeito que deseja no ouvinte. Para além desses fatores, há o que Orlandi define como relação de força,

(...) podemos dizer que o lugar a partir do qual o sujeito é constitutivo do que ele diz. Assim, se o sujeito fala a partir do lugar de professor, suas palavras significam de modo diferente do que se falasse do lugar de aluno. O padre fala de um lugar em que suas palavras têm uma autoridade determinada junto aos fiéis etc. Como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na “comunicação”. A fala do professor vale (significa) mais o que a do aluno. (ORLANDI, 1999, p. 39-40).

As relações de força aparecem nos jornais ao expor atores políticos populares, legitimados socialmente como representantes do povo brasileiro, falando negativamente sobre Petrobras; e, ainda, ao transformar comentários danosos em matérias, revelam, supostamente, uma posição acusadora no que tange a Petrobras. Independente que esses atores políticos sejam lidos como oposição ao governo, o fato de noticiar os posicionamentos dos mesmos gera prejuízos à imagem da estatal. Apesar de dar voz à defesa, as falas são recortadas pelos próprios jornais, retiradas do discurso de um advogado de defesa de algum ex-dirigente da estatal, por exemplo, e estão normalmente inseridas em espaços de pouco destaque nas notícias. Comparar o discurso negativo sobre a Petrobras que um político não envolvido com o caso de corrupção profere com o discurso de um advogado de defesa de um suposto político corrupto é algo completamente desproporcional e desnivelado, tendo em vista que o investigado é visto sob ótica de desconfiança, enquanto o que acusa não o é. Querendo ou

não, o posicionamento implícito dos jornais abre uma lacuna para o que não foi dito, o que fica subentendido nos discursos dos mesmos. Nas figuras abaixo podemos ver como os jornais dão espaço para que comentários de personalidade políticas virar matérias.



Figura 3: Matérias do Estadão feitas com base em opiniões negativas sobre a Petrobras  
Fonte: Estadao.com.br



---

Figura 4: Matérias da Folha com conotação negativa sobre a Petrobras  
Fonte: <https://www.folha.uol.com.br/>

A aprovação da CPI da Petrobras no Senado Federal, em 18/12/2014 e embora a estatal fosse a protagonista da CPI, nas matérias o que se destacava era a briga política entre governo e oposição. Os jornais expunham tanto defesa, quanto acusação nas publicações sobre a CPI. Humberto Costa, do PT, defende, na Folha, “É a continuidade do que estão chamando de terceiro turno eleitoral. Querem encontrar vínculo da presidente com esse processo para tentar, no tapetão, impedir que a presidente exerça seu segundo mandato”, enquanto a fonte de acusação (ainda na Folha), Mendonça Filho (DEM), dizia que “Instalada, a comissão atuou de forma tímida. Chega ao final da jornada, com um relatório que não atende ao desejo da sociedade brasileira”. Buscou-se aí um nivelamento das fontes, que também ocorre no Estadão, quando Onyx Lorenzoni (DEM) acusa e Humberto Costa (PT) defende. Ademais, a Folha detalha os pontos principais que constam no arquivo da CPI, como o indiciamento de 52 pessoas, incluindo Dilma Rousseff. Já o Estadão informa timidamente o que mudou da primeira proposta para a proposta atual.

Outra ocorrência listada como acontecimento notório foi a prisão de Nestor Cerveró, ex-diretor Internacional da Petrobras, em 14/01/2015. O título da reportagem da Folha carrega o nome da Petrobras, enquanto o do Estadão deixa a informação no subtítulo da publicação. Na matéria da prisão de Paulo Roberto Costa, a Folha abre espaço para que o advogado de defesa de Cerveró se posicione sobre o ocorrido; o que o Estadão não o faz, utilizando-se apenas o Ministério Público Federal como fonte.

A questão política fica mais evidente em 2015, quando ocorrem as prisões de Renato Duque e João Vaccari Neto, ambos petistas. A Folha expõe fontes como P.F., M.P.F. e até mesmo o juiz Sérgio Moro, entretanto, mostra-se imparcial quando informa as acusações dos órgãos federais: “A PF voltou a prender na manhã desta segunda-feira (16/03/2015) o ex-diretor de Engenharia e Serviços da Petrobras Renato de Souza Duque. A prisão preventiva ocorre na 10ª etapa da Operação Lava Jato, que tenta cumprir ao todo 18 mandados, sendo dois deles de prisão preventiva, quatro de prisão temporária e 12 de busca e apreensão.”. O Estadão transparece a sua postura parcial quando destaca no subtítulo “Ex-diretor de Serviços da Petrobras, indicado ao cargo pelo PT, é considerado o elo do

---

partido com o esquema de desvios na estatal”. Não fica claro ao leitor por quem Duque é considerado como elo do partido com o esquema de corrupção da estatal, se pelo jornal ou por investigadores. A frase destacada pelo Estadão aparece mais tarde, no 2º parágrafo da matéria, como uma enunciação proferida pelos investigadores. Para além da reportagem sobre a prisão de Duque, no Estadão, a prisão de João Vaccari Neto (15/04/2015) também rende comentários do enunciador sobre o caso: “A prisão preventiva do secretário de Finanças do PT constrangeu e causou preocupação no partido e no governo, além de dar fôlego à tese do impeachment da presidente Dilma Rousseff defendida por parte da oposição”. A frase enunciada pelo Estadão, ainda da conclusão das investigações, deixa subentendido que o partido estaria preocupado e coagido por carregar culpa nos esquemas ilícitos, expondo assim a parcialidade no discurso jornalístico do Estadão, quando se coloca no papel de quem acusa, junto a P.F. e M.P.F. Já na Folha, além das fontes que acusam, estão presentes as fontes de defesa do tesoureiro.

Segundo Orlandi (1999), os efeitos de sentido se constituem na relação entre produtor e receptor de discursos, no uso da língua, frente às condições sociohistóricas de produção do enunciado. O discurso da imprensa sobre a Petrobras se mostrou crítico, na medida em que foram analisadas as matérias, embora muito da análise recorra à memória discursiva do jogo político, do Brasil polarizado. É importante reforçar que a Petrobras é uma empresa estatal de economia mista, mas, principalmente, gerida pelo governo vigente. Respinga na organização qualquer crítica a este embutida nas reportagens, como quando a Folha disse que Dilma estaria “enfurecida”; e o Estadão disse que Dilma “ficou contrariada” após a renúncia de diretoria da Petrobras, em matéria publicada em 04/02/2015 em ambos veículos de comunicação. Com isso, subentende-se que, supostamente, a estatal tem a imagem desestabilizada devido a desacertos na gerência, já que a presidenta da república é quem não sabia se controlar diante de adversidades.

Em meados de 2015, outra notícia movimentou a imprensa e a Petrobras. Eduardo Leite, vice-presidente da empreiteira Camargo Corrêa, disse, sob acordo de delação premiada, que a empreiteira pagou propina e participou de esquemas de cartel para obter contratos da Petrobras. A notícia foi publicada em 18/04/2015 nos jornais. As marcas da enunciação da Folha são muito mais contidas a expôr o que o executivo falou em depoimento, recorrendo o

tempo todo às citações diretas (entre aspas) de Eduardo Leite e, quando não o faz, explícita dizendo “segundo Leite...”, distanciando o que é a fala da sua fonte do que diz o jornal. O Estadão, assim como a Folha, traz na reportagem trechos da delação de Eduardo Leite, entretanto, busca o M.P.F., que diz “Não há qualquer dúvida de que João Vaccari tinha plena ciência, na qualidade de tesoureiro e representante do Partido dos Trabalhadores, do esquema ilícito e, portanto, da origem espúria dos valores.”. Essa postura do Estadão demonstra, mais uma vez, sua tendência a acusação, quando adota o M.P.F. como fonte e, supostamente, induzir os leitores a considerarem toda a delação como verdade absoluta, mesmo que as investigações ainda estejam sendo realizadas.

A Lava Jato seguia em 2016 e novas descobertas sobre o esquema corrupto dos ex-dirigentes da Petrobras foram feitas pela P.F. e M.P.F. O percurso da Folha de S. Paulo e Estadão não se altera. Em uma matéria sobre a lavagem de dinheiro em bancos da Suíça, o Estadão manteve sua postura acusadora quando, dá visibilidade aos discursos dos procuradores, policiais federais e suíços, mas não há espaço para defesa. Do outro lado, a Folha acusa, mas traz no corpo da matéria o depoimento de defesa sob tópico denominado “outro lado”. Como se estivesse querendo dizer que “toda história tem 2 lados”, dando oportunidade para que a defesa exponha sua verdade, deixando ao leitor a tarefa de assimilar os discursos e atribuir sentido a eles.

### **Considerações finais**

No contexto das investigações da Lava Jato, particularmente, da compra da Refinaria de Pasadena e da crise que a empresa enfrentou frente às inúmeras denúncias contra atuais e ex-dirigentes, entre o final de 2014 e meados de 2016, a imprensa brasileira explorou todas as vertentes da crise que se instalara na Petrobras e fez uma cobertura massiva do caso como uma questão política. O âmbito político foi uma questão forte desde o início das investigações, principalmente no Estadão, como já visto no desenrolar da análise.

Por se tratar de uma organização pública, dentro de um contexto incomum de polarização da opinião pública, a Petrobras, que tinha cristalizada a imagem-conceito de orgulho nacional, mediante a exposição negativa na imprensa, passou por uma instável mudança de percepção do seu ethos. Segundo Baldissera (2008), embora a imagem-conceito

---

seja fruto de um processo que depende da significação, de qualidade individual do ser humano, essa alteridade se dá também pelo contexto sociocultural no qual o ser humano está inserido. Quer dizer, embora a imagem-conceito construída da Petrobras ao longo de sua existência tenha exaltado o nacionalismo, como na campanha “O Petróleo é nosso!” em 1947, a midiaticização das investigações e ações da Lava Jato ajudou a alterar a percepção dos públicos sobre a organização. Isso aconteceu devido à quantidade de informações que foram veiculadas sobre processos ilícitos que ocorriam no âmbito da organização, constante difusão de acusações formais (da Polícia Federal e do Ministério Público Federal), quanto informais (por outros agentes políticos com um discurso negativo sobre a estatal e sua gestão) e às diversas notícias, na casa das centenas (somente de 2014 a 2016), sobre a criação de uma CPI para investigar a Petrobras. Essa mudança de percurso de ascensão à “queda” causou uma rachadura na imagem-conceito anterior, estremecendo a até então cristalizada imagem de orgulho nacional que a estatal construiu ao longo da sua existência, fazendo com que a organização passasse por um processo de ressignificação, ainda em andamento, além do ressurgimento de discussões sobre uma possível privatização total da companhia.

Mediante o processo de ressignificação da Petrobras na transição de um governo de esquerda para outro de direita, que defende abertamente a privatização da estatal, a pesquisa pode se encaminhar agora para a análise dos discursos jornalísticos na nova gestão da Petrobras, que deixa para trás as campanhas nacionalistas e busca outros percursos simbólicos, comparando-os com os resultados expostos no presente artigo.

### **Referências bibliográficas**

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. São Paulo: Pontes, 1999.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2008.

BALDISSERA, Rudimar. Significação e comunicação na construção da imagem-conceito. **Fronteiras: Estudos midiáticos**, Rio Grande do Sul, v. 3, n. ?, p.193-200, dez. 2008.